

# Experiência religiosa na internet e midiatização da religião

PROVOCAÇÕES AO DIÁLOGO SOBRE A MISSÃO  
E A PASTORAL NAS REDES DIGITAIS

\* **Moisés Sbardelotto** é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo/RS. Bolsista do CNPq. Ex-coordenador do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil (Stiftung Weltethos) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **E-mail:** msbardelotto@yahoo.com.br.

MOISÉS SBARDELOTTO\*

## Introdução

Nas mídias digitais, vemos a manifestação de um “novo Verbo encarnado”, de um novo tipo de relação fiel-sagrado. Em uma “sociedade da comunicação generalizada” (cf. VATTIMO, 1992), percebemos que a internet, em suas diversas redes e conexões, passa a ser também um ambiente para as práticas religiosas, o que caracteriza um fenômeno de midiatização da religião nas sociedades contemporâneas. E se “é à luz da revelação feita pelo Verbo Divino que se esclarece definitivamente o enigma da condição humana” (BENTO XVI, 2010, s/p), é primordial entender também essa nova “encarnação” do Verbo.

A alta hierarquia da Igreja Católica, especificamente, respondeu a esse fenômeno comunicacional com uma espécie de “contrarreforma digital”. Alguns exemplos: em 2009, o Vaticano lançou seu próprio canal no YouTube,<sup>1</sup> com vídeos atualizados diariamente. No mesmo ano, foi lançada a página Pope2You,<sup>2</sup> uma iniciativa que, através do Facebook e de um aplicativo para iPhone, permitia o acesso a mensagens de Bento XVI e o envio de cartões digitais. Em 2010, foi lançado o site News.va,<sup>3</sup> reunindo departamentos de mídia e comunicação da Santa Sé. Um ano depois, o site do Vaticano<sup>4</sup> foi reformulado, apresentando uma nova disposição dos conteúdos e possibilitando seu acesso em celulares e leitores eletrônicos. Em 2012, a Rádio do Vaticano anunciou que deixaria de transmitir sua programação em ondas médias e curtas na maior parte da Europa e da América, reforçando seu acesso através da internet. No mesmo

1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/vatican>>.

2. Disponível em: <<http://www.pope2you.net>>.

3. Disponível em: <<http://www.news.va/pt>>.

4. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>.

ano, em dezembro, o Papa Bento XVI entrou no Twitter e começou a enviar seus tuítes por meio da conta @Pontifex<sup>5</sup> (cf. SBARDELOTTO, 2013). E no início de 2013, foi lançado o Pope App, um aplicativo para iPhones e iPads para “acessar todo o conteúdo oficial relacionado com o Papa em qualquer formato”, como indica o site oficial do serviço.<sup>6</sup>

Assim, a Igreja tenta lidar, mesmo que vagarosamente, com o funcionamento desse novo mundo comunicacional, ainda em exploração, que lhe exige uma postura à altura das exigências sociais e comunicacionais contemporâneas. Mas como enfrentar os desafios dessa nova realidade, em que os questionamentos do ambiente digital parecem ser sufocantes, especialmente para a vida espiritual e também eclesial?

Neste artigo, buscamos oferecer algumas pistas de reflexão e de provocação a partir do fenômeno da midiatização e do “fazer-se bit do Verbo” na internet. Primeiramente, refletiremos sobre o novo contexto sociocomunicacional marcado por um fenômeno que vem sendo chamado de midiatização, com incidências também sobre a prática religiosa. Em seguida, analisamos alguns deslocamentos da experiência religiosa na internet. Por fim, concluímos que o sagrado em bits nada mais é – e assim deve ser – do que um *ponto de partida* para uma vivência de fé que deve se dar “*ultra media*”. Com isso, esperamos despertar algumas possibilidades de fomento do diálogo sobre a missão e a pastoral “no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé” (BENTO XVI, 2013, s/p).

### ***Midiatização da religião: Processos midiáticos e nova ambiência religiosa***

Constatamos hoje o *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos midiáticos e digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade offline, mas que é agora ressignificada para o ambiente digital, possibilitando uma experiência religiosa por

5. Disponível em: <<https://twitter.com/pontifex>>.

6. Disponível em: <<http://www.news.va/thepeopeapp>>.

meio da rede. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet. O fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho conectado à internet –, pode desenvolver um novo vínculo com o transcendente e com sua comunidade, e um novo ambiente de culto (cf. SBARDELOTTO, 2012).

Esse fenômeno é ilustrado, no ambiente católico, por inúmeros serviços religiosos online: versões online da Bíblia e de orações; orientações via internet com líderes religiosos ou grupos de discussão em redes sociodigitais; pedidos de oração online, em espaços online específicos, ou via tuítes e mensagens públicas no Facebook; as chamadas “velas virtuais”; programas de áudio e vídeo; “capelas virtuais”, dentre muitas outras opções. Ou seja, aquilo que chamamos de rituais online, em que o fiel experiencia a sua fé por meio do sistema católico online.

Como a interação fiel-Deus via rituais online não está dada nem ocorre automaticamente, mas depende de complexos dispositivos, há três âmbitos que favorecem esse vínculo e experiência religiosos: a *interface* (as materialidades tecnológicas e gráficas dos sites), o *discurso* (coisa falada e escrita nos sites) e o *ritual* (operações, atos e práticas do fiel), que, a partir da internet, vão conhecendo novas possibilidades e limites (cf. SBARDELOTTO, 2012).

Nisso também se encontra mais uma das facetas de uma sociedade em midiatização, pois o meio comunicacional passa a ser também uma ambiência social de vivência, de prática e de experiência da fé. Ou seja, em uma sociedade em midiatização, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias. Estão em questão, por isso, os fundamentos de ambos os âmbitos sociais – comunicacional e religioso – em suas interações e afetações.

É nesse contexto que entra em cena a midiatização como *fenômeno sociocomunicacional contemporâneo*. Em termos gerais,

a midiaticização pode ser entendida como um metaproceto, segundo Krotz (2007). Para o autor, metaprocessos são “construtos que descrevem e explicam teoricamente dimensões e níveis econômicos, sociais e culturais específicos de mudança real” (ibid., p. 257). Ou seja, processos que duram por séculos e que não estão necessariamente confinados a determinada área ou cultura, e nem se sabe exatamente quando começam ou terminam.

A midiaticização é um metaproceto comunicacional, nesse sentido, porque se baseia na “modificação da *comunicação [midiática] como a prática básica* da forma como as pessoas constroem o mundo social e cultural” (KROTZ, 2007, p. 257). Ou seja, é a complexidade das “mediações comunicativas da cultura” (cf. BRAGA, 2012) e também do fenômeno religioso.

É nesse ambiente que “as mídias podem ser, ao mesmo tempo, fonte de religião e espiritualidade, um indicador da mudança religiosa e espiritual e estar articuladas com as tendências religiosas e espirituais – mudando a religião mediante essas interações e sendo mudadas por essa relação” (HOOVER, 2008, p. 4). Analisar a midiaticização da religião, portanto, é analisar um processo de secularização, “em que a mídia tem assumido muitas das funções sociais que costumam ser desempenhadas pelas instituições religiosas”, em que “a religião está sendo crescentemente subsumida sob a lógica da mídia, em termos de regulação institucional, conteúdo simbólico e práticas individuais” (HJARVARD, 2008, pp. 10-11). Assim, “o que emerge da mídia é uma forma de fazer religião, de ser religioso” (GOMES, 2004, p. 10), de experimentar o sagrado.

### ***Experiência religiosa na internet: algumas provocações para a reflexão***

A experiência religiosa, em termos gerais, pode ser entendida como a “percepção da presença do sagrado por parte do sujeito que a faz” (LIBANIO, 2002, p. 92). Ou seja, é o “dar-se conta”, o “tomar conhecimento” das manifestações

do sagrado (hierofanias) que ocorrem na vida pessoal, é a “relação interior com a realidade transcendente” (MARTELLI, 1995, p. 135).

Essa experiência ocorre em todos os lugares e em toda a história, embora suas expressões sejam cultural e historicamente condicionadas. Pode-se “experimentar Deus *sempre e em qualquer situação*” (BOFF, 2002, p. 90, grifo nosso), como também nas redes digitais – experiências religiosas *diversas e difusas*, que também se consomem na sua comunicação aos demais, pelo testemunho em rede. Um circuito comunicacional, de fato, que interliga o fiel e o sagrado, mas também um “outro” a quem o fiel narra a sua experiência, via mídia.

Ocorre assim uma revolução no fazer religioso. Em primeiro lugar, *temporalmente*, os tempos e períodos tradicionais da vida litúrgica da Igreja mudam fortemente na internet. Agora, um ritual religioso pode ser feito a qualquer hora do dia e em qualquer lugar, independentemente dos horários e da localização dos demais membros da comunidade. O sistema digital se encarrega de mediar essa interação. Os processos lentos e vagarosos da ascese espiritual (os “séculos dos séculos”) vão sendo agora substituídos por uma lógica da velocidade absoluta, marcada pela expectativa de onitemporalidade e de imediatismo que a digitalização fomenta.

Por outro lado, há um deslocamento *espacial* da experiência religiosa: a celebração feita do outro lado do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto. Assim, instaura-se uma nova forma de presença: uma “telepresença”, possibilitada pelas representações de sagrado disponíveis no sistema católico online. Mas a essência dessa nova modalidade de presença é a não presença, a “antipresença” (cf. MANOVICH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente. Assim, também entra em xeque a noção de *participação*.

A religiosidade digital também traz consigo uma *materia- lidade* totalmente própria: numérica, de dígitos que podem ser alterados, deletados, recombina- dos de acordo com a vontade do sistema e/ou do fiel. Mas isso pode passar despercebido ao fiel, devido à transparência da técnica: a sensação

de sacralidade construída pelo sistema promove (ou reforça) a crença de que o fiel está *diante de* (e *apenas de*) Deus, sem atentar para os protocolos e lógicas que a técnica comunicacional imprime sobre a sua experiência religiosa.

*Discursivamente*, o fiel constrói sentido religioso por meio de narrativas fluidas e hipertextuais, marcadas por uma constante descontextualização e recombinação de sentidos. São discursos fragmentários, em que o fiel seleciona e escolhe a alteridade discursiva (terrena ou divina) com a qual quer se comunicar. De um lado, a internet apela a uma fé individualizada (o indivíduo diante da tela), mas isso não elimina a assembleia, embora agora extremamente fluida, maleável, passageira e geralmente desconectada da vida do fiel. Impera a lógica do acesso, em que o pertencimento-participação em uma comunidade não se define pela localização geográfica, mas sim por uma ambiência fluida em que só faz parte dela quem a ela tem acesso.

*Ritualisticamente*, os atos e as práticas de fé do fiel constroem-se agora mediante a *liturgia digital* da internet, marcada por uma lógica da seleção. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia, em que esta oferece modelos para as práticas e o imaginário litúrgicos. De base computacional, explicita-se na internet uma *religiosidade algorítmica*, em que o fiel *faz o sistema fazer* o que já está programado.

Assim, nos usos, práticas e apropriações dos fiéis, reconstrói-se e ressignifica-se continuamente o sentido do sagrado. Vê-se na internet uma *religiosidade em experimentação*, marcada pela pouca fidelidade institucional e doutrinal, pela fluidez dos símbolos em trânsito religioso e pela subjetivação das crenças. O desafio é enfrentar essa realidade com responsabilidade pastoral crítica, sem anacronismos, nem deslumbramentos, percebendo na digitalização uma *complexificação* do fenômeno religioso – não necessariamente a sua *simplificação* ou *facilitação*, muito menos a sua *salvação*.

## *O sagrado em bits, apenas um ponto de partida*

O sagrado se manifesta em sua total “graça”, literalmente como, quando, onde e se “Deus quiser”, diante de uma interioridade pessoal que a ele se abra profundamente. Mesmo que o sagrado possa manifestar-se em pedras, árvores, ou até em bits,

não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore [ou do bit como bit]. A pedra sagrada, a árvore sagrada [e o bit sagrado] não são adoradas como pedra ou como árvore [ou como bit], mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore [nem bit], mas o sagrado (ELIADE, 1992, p. 13).

Dessa forma, o sagrado, em sua “encarnação em bits”, ganha sentido e se complexifica nas interações com o fiel, que são *totalmente livres, íntimas, misteriosas*. O que sabemos é que elas ocorrem, *algo ocorre, e algo sagrado*. Um sagrado que *não está lá*, mas se revela e é descoberto *mediante a experiência do fiel*. Se os fiéis de hoje, como o Moisés bíblico, “sobem a montanha digital”, é porque viram uma “sarça ardente” em seu topo (cf. BRASHER, 2004).

Contudo, a hierofania não se restringe a um único âmbito do humano, pois o sagrado *não pode* ser contido, por exemplo, pelo ambiente digital, nem pode se encontrar em sua totalidade em um elemento específico (muito menos em um bit, um pixel, que, além do mais, pode ser alterado a qualquer instante). O sagrado escapa e supera todos esses elementos. “O sagrado equivale [...] à realidade por excelência [...] está saturado de ser” (ELIADE 1992, p. 14): é a Realidade absolutamente transcendente, o totalmente Outro, o *superior summo meo* e o *intimior intimo meo*.

Na experiência religiosa online, portanto, é preciso conservar intactas a *distância* e a *diferença* entre o digital e uma Realidade Última *ultra media*, uma exterioridade divina que vai (muito) além da tela conectada à internet e de seus elementos simbólicos: o bit pode revelar algo do sagrado, *mas*

*não é o sagrado*. Assim como a internet “é talvez a imagem mais bela da *incompletude do real*; [pois] nas *home pages* não há nada que seja completo” (GRILLO, 2011, p. 34) – todos os conteúdos são maleáveis, flexíveis, modificáveis, deletáveis –, a experiência religiosa da internet também é “incompleta”, assim como qualquer outra experiência religiosa, pois sempre trará consigo mediações (e talvez até deturpações) culturais e históricas.

Continuando a metáfora de Brasher (2004), portanto, a “montanha digital” da internet conserva “em toda a sua complexidade o *ponto de partida experiencial* e, por isso, confuso e magmático, pluralista e descentrado, do qual emerge o ato da fé” (GRILLO, 2011, p. 35, grifo nosso). Mas não só isso: a voz que saía da sarça, no texto bíblico original, dizia a Moisés: “E agora, vai! Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10). Portanto, a montanha e a sarça foram apenas o *ponto de partida* de uma experiência de Deus que se revelou muito mais complexa, ampla e exigente, *para além da própria montanha e da própria sarça*, dando início a uma longa “busca pela Terra Prometida”. Assim também a experiência religiosa online deve ser um *ponto de partida* para uma experiência ultramidiática, que deve se abrir ao horizonte amplo e desafiador da busca pela libertação do povo de Deus.

“Não se testemunha o Evangelho em rede limitando-se a ‘inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios’, fechando-se às perguntas verdadeiras e urgentes, às dúvidas e aos desafios das pessoas de hoje” (SPADARO, 2013, p. 227). Portanto, não basta se contentar com a “transfiguração” da experiência religiosa online e “construir tendas” digitais: é preciso “descer da montanha” e ir ao encontro da “grande multidão” (cf. Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). O mandato de Jesus a seus discípulos é de irem por todo o mundo pregar a Boa-Nova a todos os povos (cf. Mc 16,15; Mt 28,19), não apenas por palavras, mas também se necessário dando a vida. “A única verdade que as Escrituras nos revelam, aquela que não pode, no curso do tempo, sofrer nenhuma desmistificação – visto que não é

um enunciado experimental, lógico, metafísico, *mas sim um apelo prático* –, é a verdade do amor, da *caritas*” (RORTY & VATTIMO, 2006, p. 71, grifo nosso).

Resta saber se os rituais online – ou qualquer outra mediação do sagrado – ajudam na manifestação dessa verdade, com todo o “apelo prático” que dela emana. Pois “é bom escutar a Palavra de Deus e, portanto, anunciá-la da melhor forma possível através da narrativa e do discurso; *mas é ainda mais importante tentar colocá-la em prática*. Nesse aspecto, não mudou o *status* da verdade – *a relação entre um dizer e um fazer*” (SCHLEGEL, 2012, p. 18, grifos nossos). Ou seja, o *Lógos* (dizer) *que se faz carne* (fazer).

Talvez aí se encontre um ponto relevante para futuras reflexões: na mediação do sistema digital, há possibilidades e impossibilidades; facetas do sagrado que mais se manifestam, e outras que se manifestam menos; experiências religiosas que são fomentadas, e outras que não o são. E tudo isso marcado por determinações e escolhas de cada usuário, do programador de cada site, do próprio sistema católico online como um todo. Ou seja, o risco é “perder de vista a diversidade [das manifestações do sagrado], aumentar a intolerância [inter e extraeclesial], fechar-se à novidade [que também vem do próprio Espírito], ao imprevisto que foge dos meus esquemas relacionais ou mentais” (SPADARO, 2013, p. 227), criando “bolhas” ou “guetos” de pessoas e informações, conforme o autor, que correspondem às minhas ideias, sem qualquer abertura à alteridade e à diferença. Portanto, a oferta de experiência religiosa na internet também apresenta “limitações ao sagrado”, e o risco é de não perceber que “a linguagem sobre Deus é uma das mais difíceis e perigosas com que trabalhar, porque *pode resultar em estruturas opressivas ou ser um trampolim para a libertação*” (HUNT, 2012, p. 6, grifos nossos).

Em seu sentido teológico mais profundo, *communicatio* (comunicação) e *communio* (comunhão) estão intrinsecamente relacionadas e compartilham um mesmo radical: *mun* (ambiente comum compartilhado) e *munus* (dom recíproco) (cf. EILERS, 2013). Para a fé cristã, Deus não comunica “algo”,

mas sim Ele mesmo. É nesse sentido que Santo Agostinho poderá afirmar: “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus”.<sup>7</sup> Por isso, a encarnação é o *sacramento da comunicação por excelência*: Deus se autocomunica a um “outro”, se “aliena” (cf. RAHNER, 1969), “sai de si”, “o Mistério se faz o outro” (BOFF, 2011, p. 39), convidando-nos a também fazer o mesmo com relação aos “outros” – especialmente os mais pobres, famintos, sedentos, estrangeiros, nus, doentes, presos (cf. Mt 25,31-46) – que nos circundam. Só assim é que a comunicação-comunhão divino-humana gera a *koinonia*, em que todos compartilham os mesmos sentimentos (cf. At 1,14), vivem a comunhão fraterna, partindo o pão e a oração (cf. At 2,42) e colocando todas as coisas em comum (cf. At 2,44).

Concluindo, fica a pergunta: os sites católicos, seus rituais online ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover – embora com suas limitações e na tentativa séria de superá-las – um pouco dessa *koinonia*, desafiando os fiéis a construir um ambiente comum (*mun*) e a doar-se reciprocamente pelo próximo (*munus*)? O desafio é tornar a rede – ao menos em suas redes e conexões católicas – “um lugar de diálogo aberto, de reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças”, promovendo o encontro dos fiéis “com as instâncias da contemporaneidade [para] que a pessoa de fé sinta a necessidade de rezar mais e de aprofundar melhor o conhecimento da fé” (SPADARO, 2013, p. 228).

Sem dúvida, “a prática popular [hoje midiaticizada], em seus distanciamentos e liberdade, é um lugar importante de escuta” (DUQUOC, 2006, p. 78) dos pesquisadores de todas as áreas interessadas.<sup>8</sup> O “sinal dos tempos” da midiaticização da religião está aí, manifestando-se com cada vez mais força e demandando de nós uma postura pastoral atenciosa, reflexiva, crítica e principalmente responsável.

#### 7. AGOSTINHO.

Sermo 13 de  
Tempore: PL 39,  
1097-1098.

8. Como indica a teóloga Nelle Morton, no princípio, não era o Verbo, mas sim o grande Ouvido inclinado para escutar e ouvir. No princípio era o escutar – eis o nosso desafio como pesquisadores e como Igreja. “Antes de falar, vem a disposição de ouvir. É uma inversão completa da se-quência habitual na comunicação, pois o ouvinte, e não o falante, tem o poder de iniciar [...] essa é a maneira de Deus ser” (HUNT, 2012, p. 9). Por isso, para além de Palavra, Morton “sugeriu que o papel primeiro de Deus é escutar. Imaginem-se as inúmeras implicações dessa inversão de papéis” (HUNT, 2012, p. 9), não apenas para a vida eclesial.

## Referências

- BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Vaticano, 2010, s/p. Disponível em: <<http://migre.me/99V6D>>.
- \_\_\_\_\_. *Declaratio*. Vaticano, 2013, s/p. Disponível em: <<http://migre.me/drEzE>>.
- BOFF, Leonardo. *Experimantar Deus; A transparência de todas as coisas*. Campinas: Verus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cristianismo; o mínimo do mínimo*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (org.). *Mediação e midiatização*. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 31-52.
- BRASHER, Brenda E. *Give me that online religion*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004.
- DUQUOC, Christian. *A teologia no exílio; o desafio da sobrevivência da teologia na cultura contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- EILERS, Franz-Josef. *Communication theology; some considerations*. Texto postado no site do St. Joseph Freinademetz Communication Center (JFCC), no link Resources. Disponível em: <<http://migre.me/drESz>>. Acesso em: 28 fev. 2013.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Pedro Gilberto. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades; dimensões históricas. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, n. 8, 2004.
- GRILLO, Andrea. Segni, riti e atto di fede nel cyberspazio; internet come “atto secondo” e come “atto primo”. *Credere Oggi*. Pádua: Messaggero di S. Antonio Editrice, n. 183, pp. 29-43, maio-jun. 2011.
- HJARVARD, Stig. The mediatization of religion; a theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights*, Copenhagen, vol. 6, 2008, pp. 9-26. Disponível em: <<http://migre.me/8S8PV>>.
- HUNT, Mary E. Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 66, 2012.
- HOOVER, Stewart M. *Media and religion*; white paper from the Center for Media, Religion, and Culture. Boulder: CMRC, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/8UUZT>>.

- LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. London: The MIT Press, 2000.
- MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna; entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.
- RORTY, Richard; VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago (org.). *O futuro da religião; solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit; a comunicação e a experiência religiosa na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.
- \_\_\_\_\_. *@Pontifex e os sacros tuites; as redes sociais digitais segundo Bento XVI*. São Leopoldo, 30 jan. 2013. Artigo postado no site do Instituto Humanitas Unisinos, no link Notícias. Disponível em: <<http://migre.me/ds1SZ>>.
- SCHLEGEL, Jean-Louis. Narrar Deus nos dias de hoje; possibilidades e limites. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano IX, n. 68, 2012.
- SPADARO, Antonio. Il Papa, Twitter e lo spazio digitale. *La Civiltà Cattolica*, Roma, ano 164, v. I, n. 3903, pp. 220-233, 2 fev. 2013.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Os sites católicos, seus rituais online ou as práticas católicas difusas nas redes sociodigitais conseguem promover a *koinonia*, em que todos compartilham os mesmos sentimentos (cf. At 1,14), vivem a comunhão fraterna, partindo o pão e a oração (cf. At 2,42) e colocando todas as coisas em comum (cf. At 2,44)?
2. Qual sua experiência religiosa na internet? Você a usa como ferramenta para a nova evangelização?
3. Comente esta citação: Pode-se “experimentar Deus sempre e em qualquer situação” (BOFF, 2002, p. 90), como também nas redes digitais.